

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 10 - Redução das desigualdades

A DINÂMICA DA DESIGUALDADE NO MUNDO¹

THE DYNAMICS OF INEQUALITIES IN THE WORLD

**Edson Ramos de Paulo Júnior², Bruno Henrique Sponchiado Cassenote³, Victória Amaral
Braveza⁴**

¹ Projeto de Iniciação Científica

² Professor na área de Ciências Humanas na rede estadual de educação do Estado Rio Grande do Sul (SEDUC-RS), Graduado em História/Lic. Plena (UNIJUI), Aluno do Curso de Direito (UNICRUZ), e-mail: edsonjunior.rs@gmail.com.

³ Aluno do Curso de Direito (UNICRUZ), e-mail: brunocassenote14@gmail.com.

⁴ Aluna do Curso de Direito (UNICRUZ), e-mail: victoriab@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Existem altos níveis de desigualdade na maioria dos países e que tem crescido ao longo do tempo, bem como são maiores hoje do que há um século. Fica claro, porém que a igualdade de oportunidades vista na perspectiva de vida de filhos de pais ricos e bem-educados são muito melhores do que aqueles com pais pobres e com menos acesso a educação.

Neste ensaio, discute-se a dinâmica da desigualdade no mundo, de forma sucinta, em pelo menos três níveis: o global, com as forças que moldam a dinâmica da distribuição de renda entre os países; o regional, com as forças que moldam a dinâmica da distribuição de renda dentro de um país; e o social, com forças que moldam a dinâmica de oportunidades dos indivíduos. A tese central deste breve ensaio visa compreender a dinâmica da desigualdade em qualquer um desses níveis.

Palavras-chave: Desigualdade; Pobreza; Renda; Riqueza.

Keywords: Inequality; Poverty; Income; Wealth

METODOLOGIA

O presente é elaborado a partir da reunião de pesquisas de orientação bibliográfica e de fontes coletadas na rede mundial de computadores. Com enfoque hipotético-dedutivo, a análise foi feita na respectiva ordem: seleção bibliográfica e documental concentradas no tema em questão; fichamento; abordagem crítica-reflexiva do material extraído; produção escrita dos resultados encontrados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Estados Unidos da América tem os melhores dados bem como a pior desigualdade social. É, portanto um ótimo cenário para ilustrar questões básicas sobre o tema. Até algum tempo atrás, os economistas e outros cientistas sociais tentavam justificar essas desigualdades com a teoria da "produtividade marginal", segundo a qual a renda dos indivíduos corresponde à sua contribuição para a sociedade. No entanto, mesmo se olharmos apenas superficialmente a evidência dos fatos, veremos que nenhum dos indivíduos que deram as maiores contribuições para a nossa sociedade - por exemplo, através das invenções do laser ou do transistor, ou da descoberta do DNA - está entre os mais ricos (STIGLITZ, 2017).

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 10 - Redução das desigualdades

Ainda mais impressionante (como foi visto por reflexo na política estadunidense) é que a renda média de um trabalhador do sexo masculino, com um emprego em turno integral, está no mesmo nível de mais de quatro décadas atrás. E é cada vez mais difícil para esses trabalhadores "no meio" obter postos de trabalho em tempo integral, bem remunerados (STIGLITZ, 2017).

Na maioria dos países avançados, há algumas mudanças importantes para a distribuição de renda: quanto mais a renda de alguns poucos sobe, uma grande maioria permanece em situação de pobreza sendo que há uma evisceração da classe de renda.

Outras definições se referem à renda média: pertenceriam às classes médias os indivíduos (famílias) cujas rendas se situam entre 0,75 e 1,25 vezes da renda média, ou entre 0,5 e 1,5 vezes da renda média, ou, enfim, de maneira mais ampla, aqueles cuja renda está compreendida entre 0,6 e 2,25 vezes da renda média (SALAMA, 2014, p. 9).

Percebe-se, portanto que tal média tem se estagnado e a fração de indivíduos de classe mediana, com uma renda de 0,5 a 1,5 vezes comparada a de classe média, está diminuindo. Normalmente se resume a distribuição de renda em uma medida chamada de coeficiente de Gini, e na maioria dos países tem vindo a aumentar. Há, no entanto, alguns países que resistiram a essa tendência, como a França e a Noruega; e alguns, principalmente na América Latina, onde tem havido uma diminuição na desigualdade (STIGLITZ, 2017).

Nos países avançados, os dados são semelhantes, mas os resultados são muito diferentes. A explicação para a diferença é que vários países têm adotado políticas diferentes. Em suma, a desigualdade é uma escolha. Países com políticas diferentes das aplicadas, não teriam resultados diferentes. Países que seguiram o modelo anglo-americano sofreram com mais desigualdade.

Nota-se que, antes de ligar para as outras dimensões da desigualdade, enfatiza-se que os países que optam por ter mais desigualdade não tem bom desenvolvimento econômico global. A sociedade paga um preço alto ao optar pela desigualdade além de ter um desempenho econômico deficitário (STIGLITZ, 2013). Uma pesquisa profunda no FMI fornece suporte estatístico substancial para as ideias teóricas que são apresentadas por muitos pensadores e estudiosos do assunto.

Há, no entanto, outras dimensões que são fáceis de medir. Um exemplo pode ser dado a partir das condições de saúde e a disponibilidade de recursos médicos. Se grande parte da população mundial não tem acesso a cuidados de saúde ou não pode obter uma nutrição adequada, em seguida haverá maiores desigualdades na saúde destas populações. Não surpreendentemente, os EUA têm grandes disparidades. Sabe-se que é o único país avançado que não reconhece o acesso aos cuidados de saúde como direito básico.

A outra dimensão muito importante da desigualdade relacionada com o tema principal deste ensaio é a igualdade de oportunidades. Os países diferem marcadamente com relação à oportunidade. Países com mais desigualdade (medida pelo coeficiente de Gini) têm menos mobilidade ao longo de gerações. Os países com a menor oportunidade incluem EUA, Reino Unido e Itália; enquanto aqueles com o melhor são os países escandinavos e o Canadá, este último por vezes referido como a Escandinávia da América do Norte (STIGLITZ, 2017). O modelo descrito fornece uma estrutura para a compreensão da dinâmica da desigualdade.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 10 - Redução das desigualdades

Nos Estados Unidos, o sistema de ensino é local, e com o aumento da segregação econômica geográfica, há uma crescente desigualdade de oportunidades educacionais. Estudos também mostram a alta correlação entre as oportunidades educacionais. A redução da progressividade do sistema de imposto de renda, na verdade agora regressivo, também aumenta a desigualdade de renda e riqueza. Por exemplo: ao reduzir a taxa da poupança, se reduz a desigualdade; ao reduzir o tamanho da família, a desigualdade pode aumentar.

Nos EUA, por exemplo, o sistema de ensino vê uma crescente segregação econômica geográfica que gera desigualdade nas oportunidades educacionais. Os estudos também mostram a elevada correlação entre oportunidades de educação e renda. A redução da progressividade do sistema de impostos sobre a renda (aliás, agora é regressivo) também aumenta a desigualdade da renda e da riqueza. Uma redução na taxa de poupança reduz a desigualdade; uma redução da dimensão familiar (média) aumenta a desigualdade. Um aumento da dispersão em uma das variáveis relevantes, incluindo os rendimentos em favor do trabalho ou do capital, aumenta o nível de desigualdade". (STIGLITZ, 2017).

Toda essa análise foi conduzida com a estrutura do modelo competitivo. Mas há várias razões para acreditar que esse modelo fornece uma descrição inadequada da economia. É evidente a importância dada ao crescimento das rendas, incluindo rendas de monopólio, de acordo com evidências de aumento da concentração em muitas indústrias, mudanças na tecnologia bem como mudanças na estrutura da economia, para os setores que são naturalmente menos competitivos, todos podem ter contribuído para o aumento do "poder de mercado" médio na economia.

Outras forças, também, levaram a um aumento das rendas mais altas: as mudanças nas práticas de administração de muitas empresas permitiram aos executivos manter para si cotas crescentes da renda das empresas. O aumento da financeirização da economia, combinada com uma governança corporativa mais fraca e uma verdadeira generalização de turpitude moral, levaram a uma situação em que muitos, no setor financeiro, exploram o resto da economia. Da mesma forma, o enfraquecimento do poder de barganha dos trabalhadores - resultado tanto de sindicatos mais fracos, como de mudanças no quadro jurídico e da globalização - levaram a uma redução da renda dos trabalhadores (STIGLITZ, 2017).

Percebe-se, portanto uma manipulação que beneficia os que estão no topo e os que estão abaixo permanece em desvantagem contínua, o que aumenta a desigualdade. Os mercados não existem no vácuo.

Os mercados não existem em um vazio abstrato. Devem ser estruturados, regulados. Nos últimos 30-40 anos, as regras do jogo foram reescritas de forma a aumentar a desigualdade e, simultaneamente, enfraquecer a economia". (STIGLITZ, 2017)

Nos últimos anos, com o crescimento dos mercados emergentes, algumas das desigualdades entre países foram reduzidas, apesar das desigualdades entre os países mais pobres e o resto persistirem.

Durante anos, as políticas do Consenso de Washington, particularmente as políticas de ajustes estruturais impostas a África e outros países pobres pelo Banco Mundial e pelo FMI como condição para a sua assistência, empobreceram esses países. Essas políticas também levaram a desindustrialização desses países. Há outras forças que reforçam estas tendências. Exemplo disso são

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 10 - Redução das desigualdades

as alterações climáticas, em particular, que infelizmente sempre possuem impactos mais acentuados e devastadores sobre países pobres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas para “desfazer” a dinâmica da desigualdade passam pela reorganização das regras de economia, fazendo um trabalho melhor na contenção do poder de mercado, exclusão e discriminação; garantindo que haja menos transmissão de vantagens, transmissão de parte do capital humano e financeiro, melhorando a educação pública (da pré-escola ao ensino superior), a introdução de impostos de herança mais fortes e impostos de renda mais progressistas.

Grande parte dos aspectos da desigualdade observados na sociedade de hoje, surge a partir das propostas do capital humano e do capital financeiro que, uma vez não diversificado tem sido atingido por um choque, isto é, a sociedade tem vivido em lugares e trabalhando em empregos de indústrias onde houve uma acentuada diminuição de demanda. Não há seguro fornecido pelo mercado contra esses riscos. Há uma necessidade de proteção para o desenvolvimento social em ajudar esses indivíduos a se deslocar para outros lugares e para outros empregos e para ajudá-los a gerenciar com rendimentos mais baixos, que são suscetíveis a se conseguir um emprego ou não. Ao longo do século passado, os sistemas de proteção social (por exemplo, para o envelhecimento e para cuidados de saúde) avançaram de forma significativa. Vendo por outro lado, embora tenhamos sistemas de seguro de desemprego projetados para atender o desemprego temporário, não há um sistema de proteção social adequado para responder às rápidas dinâmicas que marcam a economia do século XXI, fator este intrínseco a realidade que remonta o bem estar da sociedade, bem como pode ser considerado um ponto de inflexão quando assunto é a diminuição da desigualdade e a construção de uma sociedade igualitária e digna.

AGRADECIMENTOS

A Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUI, pela disposição em promover eventos que incentivam o exercício da pesquisa científica, fortalecendo o real significado da Academia.

REFERÊNCIAS

Eu, prêmio Nobel, digo a vocês: as desigualdades são excessivas e não são um fenômeno inevitável. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/573394-eu-premio-nobel-digo-a-voces-as-desigualdades-sao-excessivas-e-nao-sao-um-fenomeno-inevitavel>.

Texto publicado na revista italiana *Espresso*, 01-11-2017. Tradução Luisa Rabolini: STIGLITZ, Joseph E. Trechos da palestra Conferência Internacional sobre Desigualdades, INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2017. Acesso em 28/07/2020

SALAMA, Pierre. Estudos Avançados 28 (81), Trabalho, emprego e renda. Disponível em <file:///C:/Users/Home/Desktop/83891-Texto%20do%20artigo-116924-1-10-20140820.pdf>. Acesso em 28/07/2020.

STIGLITZ, Joseph E. O Preço da Desigualdade: Bertrand, Lisboa, 2013.



SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2020



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:
A NOVA FRONTEIRA DA CIÊNCIA BRASILEIRA

20 A 23 DE OUTUBRO

IJUÍ | SANTA ROSA | PANAMBI | TRÊS PASSOS

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 10 - Redução das desigualdades

Parecer CEUA: 84431118200005350